

S. Romão de Milhazes

MILHAZES, orago São Romão, era uma vigararia da apresentação do D. Prior da Colegiada de Barcelos.

Milhazes, Milhares, Milhais, Milhagens, Milazes, Milharazes e Milaos, como se lê em vários documentos antigos, segundo alguns escritores vem de uma sanguinolenta batalha que aqui se deu em que morreram *milhares* de combatentes e segundo outros vem de *milharais*, em razão de os seus férteis campos produzirem muito e bom milho.

Padre António Gomes Pereira, no seu livro «Tradições Populares», quando se refere a esta freguesia, diz: «a derivação *mille acies*, significando mil fileiras, mil exércitos, mil combatentes, é legítima embora me repugne, este maravilhoso aplicado a lugares desconhecidos».

Prevalece pois a segunda opinião tanto mais que aquela batalha não ultrapassa os domínios da fábula.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação: — «De Sancto Romano de Milazes», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que o rei tem em Milazes 8 casais e meio e «dant per totum et habent tale forum sicut casa-lia de Principaes, que sunt super ista collacione scripta. Et habet ibi etiam VII casalia, et dant inde illi terciam

panis et lini, et de vino quartam, excepto uno casali de quodant octavam de toto».

Aparece-nos nestas Inquirições as terras de *Mata boi* e o casal de *Spaeses*.

Esta Igreja tinha sesmarias, Vila Seca 5 casais e Fornelos 3 casais.

Existiu aqui, no lugar de Espezes, a *Honra da Quintaam de Onega do Paaço*, que foi de Lourenço de Faria, a qual, segundo o senhor José de Meneses, no seu livro «Ninharias», mais tarde se englobou no *Senhorio da Terra de Milhões*, sendo ali, segundo a opinião daquele considerado escritor, o primitivo solar dos Farias de Barcelos e não na freguesia de Santa Maria de Faria, como dizem quase todos os outros escritores.

Neste ponto, sem desprimor para ninguém, sigo a *opinião da maioria*.

As terras da Quintaam de Onega do Paaço, algumas das quais nos aparecem mais tarde como foreiras à nobre casa da Fervença, da freguesia de Gilmonde, foram com certeza possuídas por D. Tareja de Meira Faria, filha do valoroso alcaide Nuno Gonçalves, casada com Estêvão Lourenço Gayo, ascendentes dos actuais senhores daquela casa.

Ora, segundo as leis e ideias daqueles tempos, no solar de uma família não sucedia a filha em competência com o varão primogénito.

Por outro lado, Pedregais, como já dissemos quando tratamos da freguesia de Faria, aparece-nos desde o princípio na linha legítima, varonil, de Nuno Gonçalves, até sua 4.^a neta D. Tareja Afonso de Faria.

Para mim é pois fora de dúvida que o solar dos Farias era a casa e quinta de Pedregais e não esta Honra.

Aqui fica expresso o meu depoimento no assunto, que farei em qualquer pleito judicial que por acaso se

levante entre alguns dos ramos daquela família, único valor que poderá vir a ter.

O Senhorio de Milhazes foi dado a Nuno Gonçalves de Faria por carta de 29 de Maio de 1369.

Milhazes, no Julgado de Faria, pertencia ao Almoxarifado de Ponte do Lima e daí a confusão de alguns escritores em afirmarem que o Senhorio de Milhaes ficava junto àquela vila.

A Igreja Paroquial desta freguesia era primitivamente no lugar da Pena.

Para atestar esse facto, próximo do sítio onde estive, ao lado do caminho e em cima de um pequeno penedo, ergue-se um cruzeiro que tem sobre a cruz a data 1779.

A sua mudança, porém, já tinha sido feita antes desta data.

Está o templo no centro de um adro fechado por paredes com três portas de serventia.

Ao lado esquerdo da fachada e a facear com esta, ergue-se uma sólida torre.

Dentro os tectos são em caixotões de madeira pintada, tendo sido aberta posteriormente no corpo da Igreja uma inestética clarabóia para dar mais luz.

Junto ao arco cruzeiro tem pintada a seguinte inscrição:-«FEITA ESTA PINTURA COMO RECORDAÇÃO AO BEMFEITOR DESTA IGREJA FRANCISCO GOMES DE CARVALHO —1905».

No sanefão daquele arco tem gravada na madeira a data-1883.

O púlpito, que é também em madeira, tem a data —1903.

No sobredito arco cruzeiro por dentro, do lado da epístola, tem pintada a seguinte inscrição: — ANNO

D 1777» e, do outro lado, fazendo pendant, um versículo da Bíblia.

O baptistério é antigo, o altar-mor em talha renascença e os quatro laterais em talha moderna.

Do lado esquerdo da capela-mor está a sacristia do Senhor e do lado direito a Paroquial, ambas pequenas.

Esta tem pelo lado de fora da parede a seguinte inscrição gravada em pedra : — « MANDADA CONSTRUIR POR MANOEL ANTONIO DE CAMPOS DO LOGAR DAS FIGEIRAS EM 1903».

Interiormente é modesta e pequena. Tem na parede um retrato com o seguinte leitreiro: — «Ao benemérito filho desta freguesia Ex.^{mo} Sr. Manoel António de Campos — O Presidente da Junta de Paroquia — Milhazes, 17 —7 —910».

Em um pequeno largo, ao lado esquerdo da Igreja, ergue-se o Cruzeiro Paroquial, coroando uma alta coluna com capitel coríntio; na base dessa coluna tem gravada a data 1712.

Nesse mesmo largo está a casa que serve de Residência Paroquial.

É esta uma das poucas freguesias que ainda não tem cemitério ! Há as seguintes capelas :

A Capela de S. João, no lugar do Cardai, pequenina, ao lado da estrada, muito bem venerada, é particular e pertence ao Snr. João Gomes Fernandes.

A Capela de Santa Luzia, no lugar da Cruz, pequena mas muito bem conservada.

Tem um só altar em talha moderna; os tectos são em madeira, tendo ao centro pintada a imagem da padroeira; tem coro e é pavimentada a pedra. É pública.

Esta capela era primitivamente ainda mais pequena e acanhada, mas há uns oitenta anos foi reconstruída e aumentada.

Senhor do Padrão, no mesmo lugar da Cruz, ao lado da capela de Santa Luzia e separado desta por um caminho, é uma pequenina capela, que pelas suas exíguas dimensões mais parece um nicho, com porta gradeada de ferro.

Dentro tem apenas uma cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado.

Há ainda as seguintes Alminhas: as de Zarague, as da Fontedufe e as do Cardai. Em frente à capela de Nossa Senhora da Franqueira, mas ainda dentro dos limites desta freguesia, ergue-se um monumento à Virgem.

Este monumento em granito é encimado pela imagem da Virgem, tendo no pedestal gravada a seguinte inscrição : — c N. S.^a DA FRANQUEIRA - MANDADO EREGIR POR JOÃO GOMES DA PENNA MILHAZES AGOSTO DE 1929»; outra:—«PROJETO DO ARCHITETO CANDIDO DA SILVA»-e ainda outra: —«SENDO MEZARIOS OS Ex.^{mos} SNRS. JOÃO JOSÉ DE CARVALHO TENENTE JOSÉ DA COSTA JOAQUIM GOMES DE FARIA ANTÓNIO FIGUEIREDO ANTÓNIO JOSÉ DE LIMA ARTUR JOSÉ ALVES».

Esta freguesia, situada em planície, estende-se ainda pela encosta ocidental do monte da Franqueira até junto aos sítios onde esteve o castelo de Faria e está a capela de Nossa Senhora da Franqueira, passando os seus limites junto ao adro desta ermida.

Confronta pelo norte, com a de Gilmonde; pelo nascente, com a de Pereira; pelo sul, com a de Vilar de Figos e a de Faria e pelo poente, com a de Vila Seca.

É servida pela Estrada Municipal, ainda não macadamizada, que da de Faria vai até à Escola, com comunicação para a Estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim.

Está em construção uma outra estrada que liga a que vem até à Casa da Fervença, freguesia de Gilmonde, com a Igreja Paroquial de Milhazes.

É banhada pelo ribeiro de Zarague, que nasce nesta freguesia e é afluente do ribeiro de Fim de Vila em Faria. As suas fontes públicas são: a das Cabras, a de Lodeiros, a do Salgueirinhos, a de Espezes, a de Ufe e a de Santa Luzia.

Esta última é moderna; a água da antiga fonte de Levandeiras foi canalizada há poucos anos para aqui, caindo por uma bica, colocada na parede sul da Capela de Santa Luzia, em uma taça ou pia que lhe fica por baixo.

Na parede daquela capela tem uma pedra com a seguinte inscrição: «FONTE DE SANTA LUZIA FEITA PELA JUNTA DE PAROQUIA EM 1927.

A população desta freguesia no século XVI era de 45 moradores; no século XVII era de 80 vizinhos; no século XVIII era de 69 fogos; no século XIX era de 511 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 678 habitantes, sendo 325 varões e 353 fêmeas, sabendo ler 113 homens e 17 mulheres.

Tem duas Escolas Oficiais, uma para cada sexo.

O belo edifício onde funcionam estas escolas foi mandado construir pelo Ex.^{mo} Sr. Manuel António Gomes de Campos e por ele doado ao Estado.

A sua inauguração foi no dia 21 de Dezembro de 1930, a cuja festa assistiram o Governador Civil de Braga, Câmara Municipal de Barcelos, Junta da Freguesia de Milhazes, Sub-inspector Chefe Escolar, muitos convidados deste concelho e de outros e imenso povo desta freguesia e de outras circunvizinhas.

A sua população acha-se distribuída pelos seguintes lugares habitados:

Igreja, Bouça, Figueiras, Pena, Cruz, Casal, Senra, Malhadoura, Espezes, Fontedufe, Cardai, Guilhado e Carreiras.

As suas casas mais importantes são: a do Cardai, a do Forno, a da Senra, a do Garrido, a do Ralha, a do Ramalho, a do Morgado, a de Espezes, a de Fontedufe, a do Carvalho e a do Pedrcsa.

A casa do José do Eirado (Espezes) tem no portal fronho a data — MDCCLXI — e virada ao terreiro uma curiosa varanda, tipo português, em colunatas com duas escadarias.

É também curiosa a casa do Garrido com sua varanda, cuja fotogravura do Snr. Augusto Soucasaux, podemos apreciar no — Barcelos-Resenha—do Snr. Major J. Mancelos Sampaio.

O comércio desta freguesia está reduzido a 2 lojas de mercearia e a sua indústria é muito limitada.

Há aqui, porém, uma que talvez seja a única que se encontra nesta parte do concelho: é a de fazer rocas e fuzos para as mulheres fiarem, e a de espadelas com seus ornatos característicos.

Quando das Paradas Agrícolas em Barcelos, Milhazes costuma apresentar um carro com estes artigos da sua indústria, que causa sempre grande sucesso.

Dos homens mais ilustres naturais desta freguesia ou cujos nomes a ela andam ligados destacaremos os seguintes:

Martim Gomes Gayo, filho de Fernão Anes Gayo e de D. Isabel de Andrade, herdou a casa de seus pais e avós D. Tareja de Meira Faria e Estêvão Lourenço Gayo e, portanto, a honra da quintaam de Onega do paaço desta freguesia.

João Gomes Gayo, filho do antecedente, foi senhor da casa de seus pais.

Teve questão acerca do Couto de Bouçós com um senhor da Casa de Cavaleiros pelo que o desafiou e

matou em duelo na freguesia de Amorim, junto à Póvoa de Varzim.

Temendo as iras de D. João II, fugiu e o rei confiscou-lhe os bens.

Armou um navio em corso e andou no mar pelejando contra os inimigos da pátria e da religião.

Pelos seus serviços, D. Manuel não só lhe perdoou, mas restituiu-lhe os bens confiscados e fez-lhe novas mercês e o Papa concedeu-lhe muitas graças, entre as quais a de ter o SS. Sacramento na sua capela da Madre de Deus na Póvoa de Varzim.

António Martins Gayo, filho de João Martins Gayo, o que instituiu o Morgado da Madre de Deus na Póvoa de Varzim, e neto do antecedente.

Filho mais velho, bem visto e querido de seus pais, doaram-lhe tudo o que puderam tirar a seus irmãos.

Nessa doação deviam ter entrado as terras de Honra da quintaam de Onega do Paaço.

Casou com D. Maria Felgueiras de Valadares, senhora da casa da Fervença,

Estes, juntamente com seu sogro e pai Vicente Felgueiras de Valadares, instituíram em 1561 o Morgado dos Gayos Felgueiras da Casa da Fervença, com capela em S. Miguel-o-Anjo na matriz de Vila do Conde, onde tem sepultura com brasão.

Devia ter sido por este que as sobreditas terras nesta freguesia entraram na posse da casa da Fervença.

Domingos Gomes Fernandes, nascido nesta freguesia, na casa do Forno, foi para o Brasil onde adquiriu alguns haveres.

Estando na cidade da Baía com sua mulher, nasceu-lhe ali, em 6 de Fevereiro de 1856, um filho, que se chamou Guilherme Gomes Fernandes, cujo nome se no-

tabilizou mais tarde. Voltando ao fim de três anos para Portugal com sua família, foi residir para o Porto, mandando educar na idade competente aquele filho em Inglaterra. Guilherme Gomes Fernandes, falando correntemente as línguas inglesa, francesa, alemã e italiana e terminada a sua educação, voltou ao Porto, onde casou com D. Corina Seabra da Cruz.

Verdadeiro *sportman*, fundou a Associação H. dos Bombeiros Voluntários do Porto, inaugurada em 1874. Bombeiro por afeição, estudou em Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Áustria o seu *metier*, elevando a um alto grau de perfeição a sua instituição.

Saindo por motivos particulares de bombeiro voluntário, criou, a pedido da Câmara Municipal do Porto, os Bombeiros Municipais, com o título «Corpo de Salvação Pública», sendo nomeado em 1885 Inspector dos Serviços de Incêndios daquela cidade.

Devido ao seu impulso, os Bombeiros Municipais do Porto alcançaram os maiores louvores e distinções nos congressos de Londres, 1893, de Lyão, 1894, e no de Paris, 1894.

Guilherme Gomes Fernandes foi condecorado com o colar de Torre Espada e muitas medalhas de ouro, colaborou em vários jornais e faleceu em Lisboa em 1902.

A cidade do Porto levantou-lhe um monumento na Praça do seu nome.

Francisco Gomes de Carvalho, natural desta freguesia e seu benfeitor, faleceu no Brasil em 1902.

Na Agra de Cambela por ocasião das invasões francesas estiveram acampadas as tropas invasoras e entre esta freguesia e a de Gilmonde travou-se um renhido combate em uma dessas invasões, do qual fazem menção

os registos paroquiais de óbitos de algumas freguesias vizinhas.

Entre esta freguesia e aquela de Gilmonde estende-se uma larga planície, coberta em parte de grandes pinhais e atravessada pela estrada municipal de Barcelos à Póvoa de Varzim, onde se falou em estabelecer o campo de aviação de Barcelos.